

RESUMO - ORIGINAIS EM SAÚDE COLETIVA

INCLUSÃO DA COMUNIDADE SURDA NO ATENDIMENTO MÉDICO: DESAFIOS E PERSPECTIVAS PARA O SUS

Haíssa Camacho (haissa7lilas@hotmail.com)

Ana Letícia Pedreiro Machado (anaalpm2004@gmail.com)

Renato Mitsunori Nisihara (renatonisihara@gmail.com)

INTRODUÇÃO: No Brasil, cerca de 10 milhões de pessoas apresentam algum grau de surdez, o que corresponde a 5% da população. A surdez é uma condição clínica e cultural, que exige adaptações linguísticas específicas. A Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), reconhecida oficialmente desde 2002 e é um instrumento essencial de inclusão, garantindo visibilidade e representatividade à comunidade surda. Apesar disso, barreiras comunicacionais ainda são frequentes, não somente no dia a dia, mas também durante o atendimento médico, prejudicando a qualidade da assistência, a autonomia e o acesso equitativo do paciente aos serviços de saúde.

OBJETIVOS: Compreender a percepção de pessoas surdas sobre a comunicação e a relação médico-paciente, identificar suas principais demandas durante os atendimentos, e contribuir para estratégias de inclusão e práticas médicas acessíveis no contexto do SUS. Avaliar aspectos demográficos da população surda e gerar dados que possam orientar políticas públicas e educação médica inclusiva.

METODOLOGIA: Trata-se de um estudo transversal descritivo, aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa. Foi enviado via redes sociais, grupos de aplicativos um questionário online (Google Forms), elaborado pelos pesquisadores e disponibilizado em Português e LIBRAS no

período entre Junho de 2024 e Junho de 2025. Os participantes voluntários, adultos, responderam sobre dados demográficos, clínicos e sua experiência em consultas médicas, expondo sua percepção sobre os atendimentos e o preparo médico. RESULTADOS: No período do estudo, 175 pessoas surdas responderam ao questionário. A amostra apresentou predominância de surdez desde o nascimento (72,6%), com surdez total (66,3%) e alfabetização em LIBRAS (80%). A maioria (58,3%) percebeu tratamento diferenciado por ser surda, e 53,7% consideraram os médicos despreparados. Apenas 12,6% já haviam sido atendidos por profissionais proficientes em LIBRAS, e 77,7% nunca vivenciaram tal experiência. Barreiras de comunicação geraram dificuldades na compreensão de diagnósticos, necessidade de comunicação mediada por acompanhantes e atendimento insatisfatório, afetando a autonomia, adesão ao tratamento e confiança no cuidado. A maioria dos surdos defendeu a obrigatoriedade de LIBRAS nas escolas (86,3%) e considerou viável a teleconsulta com médico que domina a língua de sinais (59,4%). CONCLUSÃO: As barreiras linguísticas e estruturais evidenciam lacunas na formação médica e comprometem a equidade no acesso à saúde. O esforço comunicativo, empatia e atitudes inclusivas são determinantes para a confiança do paciente surdo. Torna-se urgente implementar políticas públicas que garantam ensino obrigatório de LIBRAS nos cursos de saúde, oferta de intérpretes e tecnologias acessíveis, promovendo consultas humanizadas e inclusivas. A superação dessas barreiras fortalece os princípios do SUS, assegurando universalidade, integralidade e equidade, e contribui para a redução da vulnerabilidade social da população surda.

Palavras-chave: surdez; relações médico-paciente; comunicação.